

Usina São João

História, Memória e Patrimônio



André Pinto Ferreira

Oficina desenvolvida como parte do Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Ensino de História, oferecido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação da Prof. Dr.^a Anita Correia de Lima Almeida.



F383 Ferreira, André Pinto
Usina São João : história, memória e patrimônio no ensino de história /
André Pinto Ferreira, 2016.
2 v. : il. color. ; 30 cm

Orientadora: Anita Correia de Lima Almeida.
Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

1. Usina São João - Campos dos Goytacazes (RJ). 2. História – Estudo e ensino. 3. Patrimônio cultural. 4. Memória coletiva. I. Almeida, Anita Correia de Lima. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD – 907



Sumário

1. O tempo passa.....	5
2. A Usina São João.....	11
3. O trabalho na fábrica.....	19
4. O trabalho no campo.....	27
5. O assentamento Zumbi dos Palmares.....	35
Atividade Final.....	43
Para saber mais.....	45
Créditos das imagens.....	46

I. O tempo passa...

Grandes chaminés apontando para o céu, próximas a extensas plantações de cana. A paisagem é muito comum em Campos dos Goytacazes, no interior do estado do Rio de Janeiro, que já contou com 27 usinas de açúcar e álcool e tinha, até por volta de 1980, cerca de metade de seu território ocupado por esta produção. No início do século XX, a região era a segunda maior produtora do Brasil, enquanto o município era considerado o maior produtor do país.

A prosperidade das usinas contribuiu para o desenvolvimento econômico e para a projeção política da cidade, o que pode ser percebido na importância que esta adquiriu no contexto estadual e nacional: ainda no século XIX, enviou voluntários para lutar na Guerra do Paraguai; teve importante papel no movimento abolicionista, especialmente nas figuras de Luiz Carlos de Lacerda e José do Patrocínio; foi a primeira cidade da América Latina a ter um sistema de energia elétrica. Além disso, pleiteou se tornar a capital do Estado do Rio de Janeiro (entre os anos 1910-1920); elegeu um vice-presidente que depois se tornaria presidente da República, o campista Nilo Peçanha (1909-1910); além da eleição de representantes que defendiam os interesses do açúcar, como o deputado federal Bartholomeu Lysandro (1956) e Vasconcelos Torres (deputado estadual, deputado federal e senador, entre os anos de 1946 e 1978).

Hoje, após o fim do apogeu do açúcar, ainda podemos ver as marcas deixadas por um tempo em que o lugar de trabalho era também o lugar de se reunir com os amigos, receber cuidados médicos, estudar e morar.

A história das usinas e de seus trabalhadores não é só a história de uma região, é também a nossa história!

Vamos conhecer a região onde funcionou uma das maiores usinas de Campos, a Usina São João. Recorte as imagens e cole nos seus respectivos espaços, completando o trajeto percorrido.



Campo de Futebol

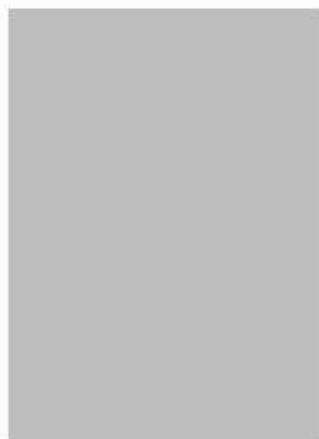


*Cantina/bar
Serviço Social*

Núcleo Fabril



Farmácia



Aleia de Palmeiras



Grupo Escolar São João



Vila Operária

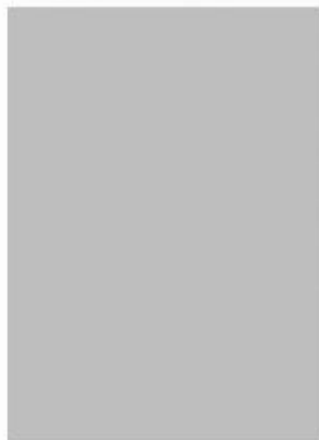


Ambulatório

Cooperativa



Usina São João



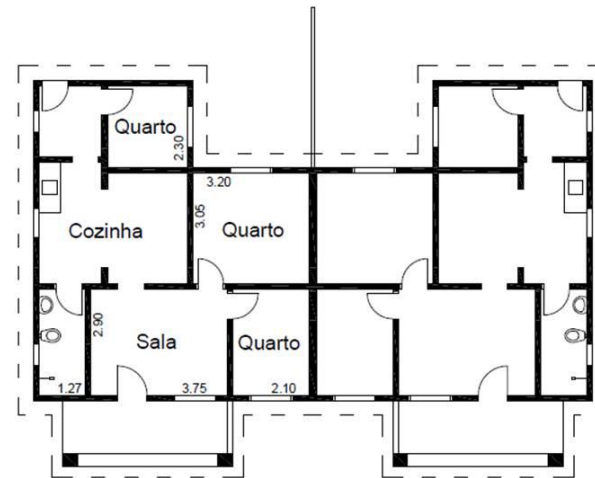
Fábrica antiga



Fábrica moderna



Planta de uma casa da Vila Operária



0 1 2 5
PLANTA
casa tipo 1 - 68,00 m²



Vilas Operárias de outras Usinas do estado do Rio de Janeiro



*Usina Barcelos
(São João da Barra)*



*Usina Paraíso
(Campos dos Goytacazes)*



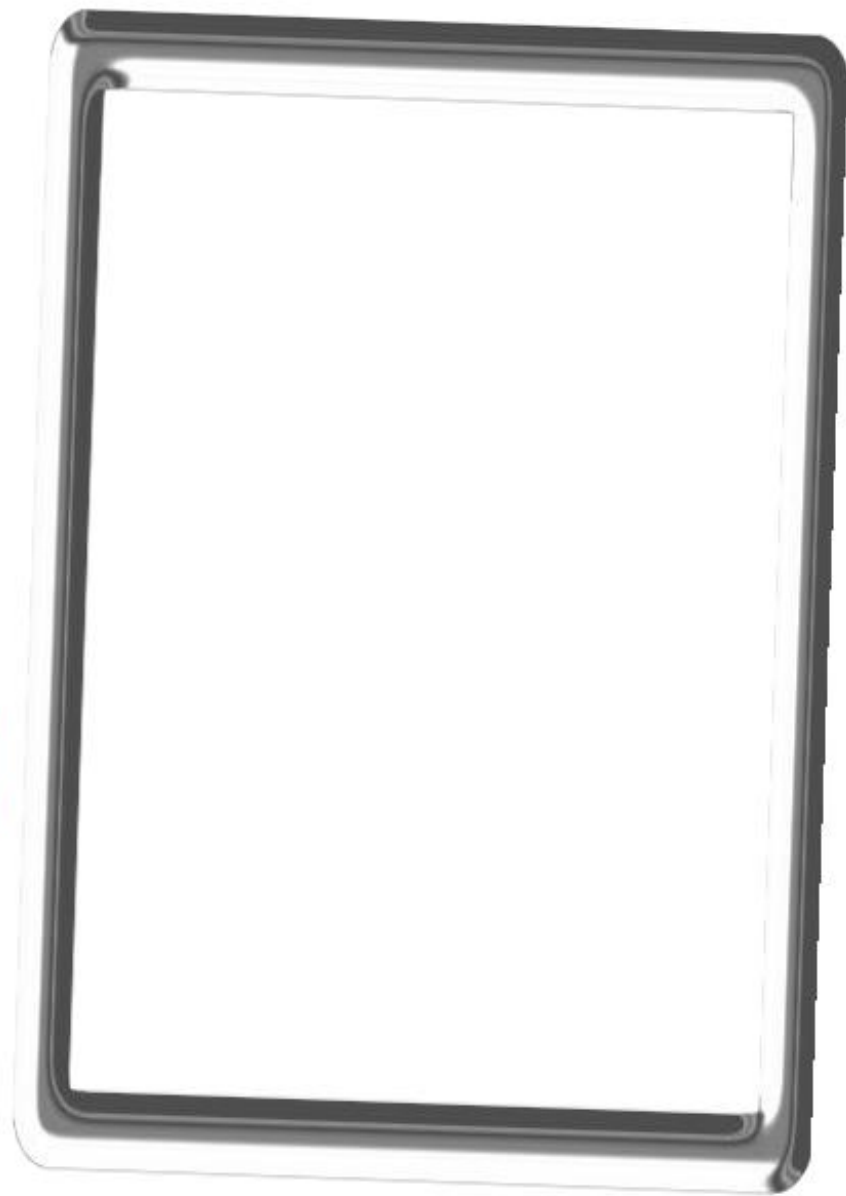
*Usina Santa Cruz
(Campos dos Goytacazes)*



*Usina Quissamã
(Quissamã)*

No complexo Fábrica-Vila Operária, comum em muitos empreendimentos no Brasil, a Usina implementava muitas melhorias nas condições de vida dos seus empregados, o que era um diferencial em relação tanto aos trabalhadores urbanos quanto aos demais trabalhadores rurais. Estas melhorias, porém, estão associadas a um processo de controle social, em que os dependentes da fábrica podiam ser monitorados inclusive em seus momentos de folga.

Meus registros



2. A Usina São João

A Usina São João foi criada em 1884, pelo Coronel Francisco Antônio Pereira Lima e pelo Major Manoel Manhães Moreira. Em 1917, já era a segunda mais importante usina da cidade de Campos dos Goytacazes. Com a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), em 1933, passa a receber do órgão um grande volume de financiamento, o que possibilita a ampliação de seu parque industrial e a sua transformação em um usina de grande porte.

A política social de trabalho construída na Era Vargas estabelece-se na região, com um duplo aspecto: disciplinar o trabalhador ao sistema de trabalho fabril, ao mesmo tempo em que lhe eram concedidos benefícios muitas vezes inexistentes em outras partes da cidade e do campo, o que lhe obrigava a permanecer ligado à fábrica. Neste contexto, foram construídas várias obras para os empregados e suas famílias, como a Vila Operária, o Grupo Escolar São João, o Campo de Futebol, o Ambulatório, a Farmácia, dentre outros.

Na década de 1970, a criação do Proálcool, programa federal destinado a estimular o uso do álcool como combustível em substituição aos derivados do petróleo, traz um novo surto de desenvolvimento para o setor canavieiro. Neste contexto de euforia, é inaugurado, em 1976, o novo parque industrial, construído de acordo com as modernas técnicas de engenharia e arquitetura.

O período entre as décadas de 1980 e 1990 é de crise para o setor, com a desativação do IAA, aumento da dívida das usinas, conjuntura econômica nacional desfavorável, problemas com as safras, dentre outros. A Usina São João começa a atrasar o pagamento do salário de seus empregados. A produção se encerra em 1994 e, no ano seguinte, é decretada a falência. Em 1997, o MST ocupa as terras da falida usina, num processo que daria origem ao atual Assentamento Zumbi dos Palmares.

Linha do



1884

Fundação
da Usina
São João



Igreja São
João

1900

1921



Fábrica
antiga



1997



Criação do
Assentamento Zumbi
dos Palmares

Tempo

1940 1950

1960

1970

1980

1945

1954

1976



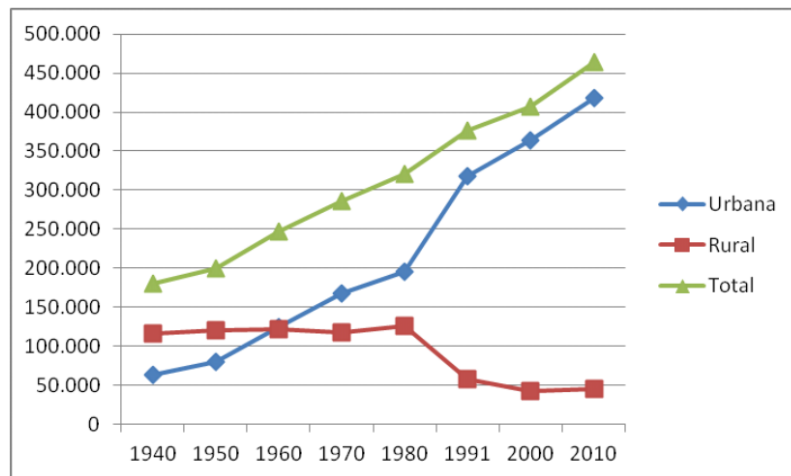
Vila Operária



Expansão da fábrica



Construção do novo prédio da usina



População residente por situação de domicílio em Campos dos Goytacazes, 1940-2010

Indique na linha do tempo a localização da inauguração do Grupo Escolar São João



Grupo Escolar São João
Mandado construir por Bartholomeu Lysandro
Inaugurado em 24-6-50

Cole aqui o
quebra-cabeça
da página ao
lado.



VISITA À USINA SÃO JOÃO

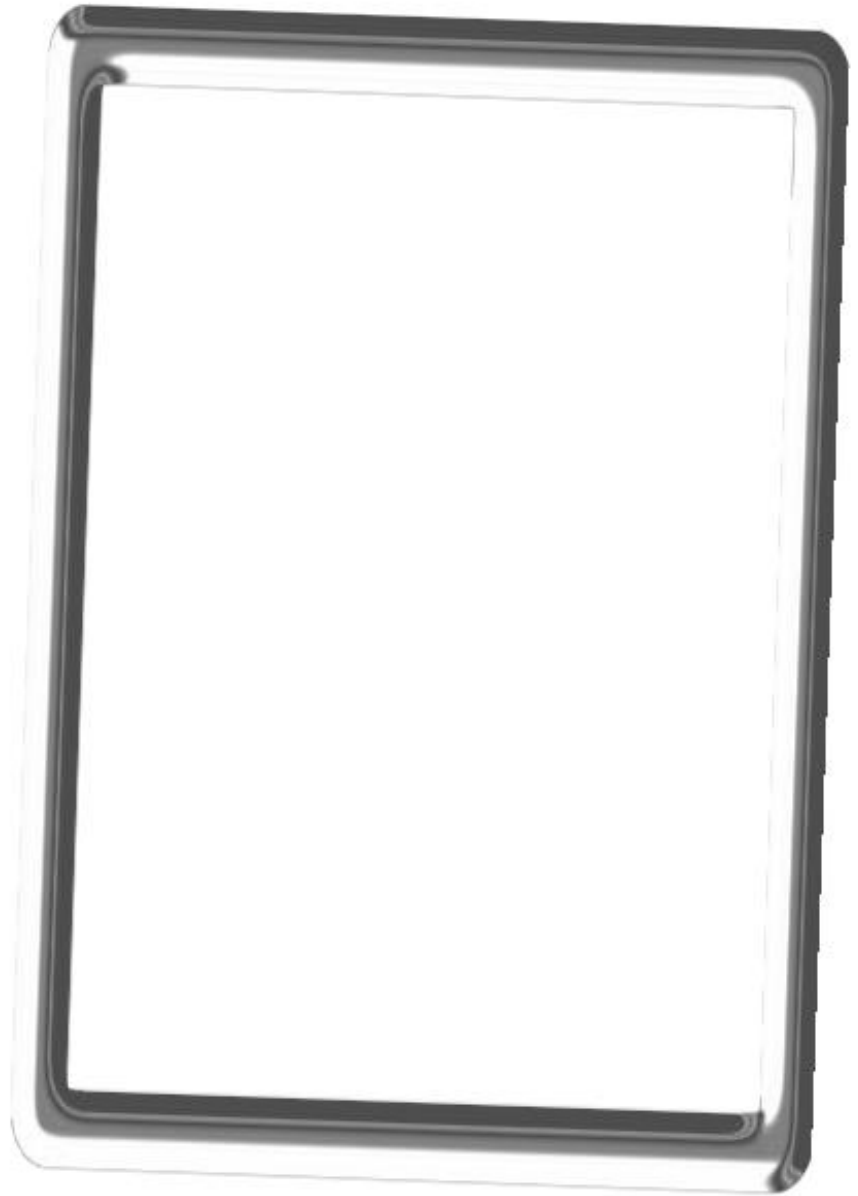
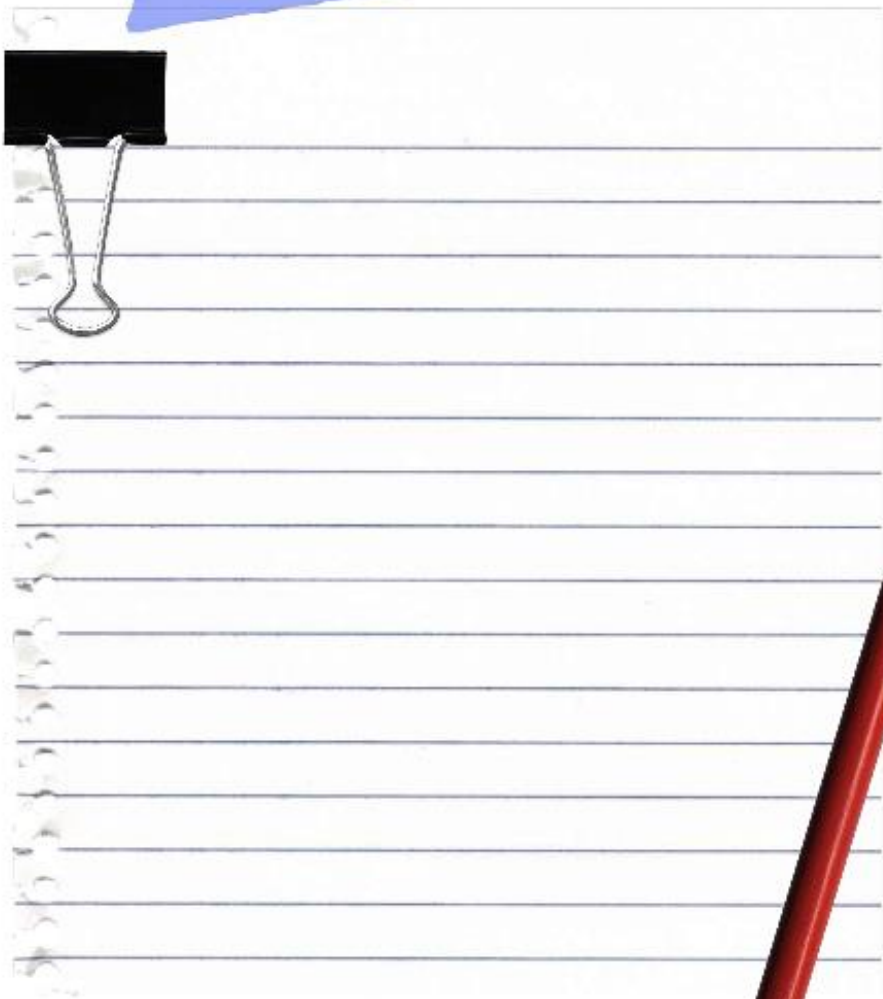
Prosseguindo no maravilhoso programa pelo jornalista Dalton Castro, rumamos para a poderosa indústria de açúcar "Usina São João", dirigida por um homem extraordinário que a todos encantou pela sua fidalguia, simplicidade, simpatia e atenção. Trata-se do Sr. Cristóvão Lisandro, figura das mais queridas da sociedade campista, filho do saudoso Deputado Federal Bartolomeu Lisandro e casado com a Sra. Ana Gonçalves Lisandro, filha do não menos saudoso Manoel Gonçalves, fundador do Banco Predial do Estado do Rio. Cristóvão é o continuador da formidável obra de seu pai, aprimorando cada vez mais sua indústria e mantendo um serviço social entre seus funcionários digno de ser imitado, pelos relevantes serviços que presta a todos aqueles que trabalham na organização modelo. Os 17 integrantes da delegação ficaram encantados com as gentilezas do anfitrião. O legítimo escocês circulou com fartura. Cristóvão Lisandro recebeu-nos na casa antiga onde morou seu genitor, conservando-lhe toda a originalidade, a riqueza dos móveis, da valiosa pinacoteca e das baixelas de prata. As moças niteroienses e seus familiares ficaram impressionados com a bela coleção de quadros de autores famosos, tais como, Madrugá, Oswaldo Teixeira, Antônio Parreiras, Ubirajara Campos, Gustavo da Lara, Campão e outros. Em seguida, passamos à casa nova, onde o ambiente moderno forma um contraste dos mais interessantes. A visita à usina de açúcar, vendo todos os pormenores da complicada maquinaria, a todos impressionou. Deixamos a "Usina São João", pesarosos pela visita tão rápida, pois o tempo corria, mas, o ambiente acolhedor, cavalheirismo do anfitrião e o convite para um novo convívio, vieram confirmar todo o conceito que faríamos dos campistas em saber receber como ninguém os visitantes.

(RUAS, Carlos. O Fluminense, Niterói, 23/07/1963, p. 2).



Interior da casa na sede da Usina

Meus registros



3. O trabalho na fábrica

Diversos derivados podem ser produzidos a partir da cana-de-açúcar. Os mais conhecidos são o álcool, o açúcar, o melado e a aguardente, conhecida popularmente como cachaça. Destes itens, a Usina São João produzia e comercializava o açúcar e o álcool.

A produção industrial desses derivados era feita com a utilização de diferentes tipos de máquinas, cada uma delas necessitando de um trabalhador especializado para garantir sua operação de forma eficiente. Por isso, era importante que os usineiros (empresários proprietários das usinas) conseguissem manter os trabalhadores industriais ligados à fábrica, já que encontrar mão-de-obra especializada sempre foi um problema na região. Esta situação também ajuda a explicar o pagamento de melhores salários para eles em relação aos trabalhadores da agricultura.

O administrador tinha o cargo mais alto da fábrica. Ele coordenava o trabalho de todos os outros, a produção e a comercialização. Havia ainda os profissionais técnicos, como os Engenheiros Mecânicos, que cuidavam das máquinas, os Técnicos em Química, que controlavam a produção do açúcar e os Engenheiros Agrônomos, que tratavam do cultivo da cana. Os operadores de máquinas eram os responsáveis tanto pelo funcionamento das máquinas quanto pela limpeza delas. E, por fim, os funcionários responsáveis pelos serviços gerais (faxineiros).

São João implanta nova usina e concretiza sonho de seu fundador

Desde o último sábado, quando a Usina São João (B. Lysandro SA), acionou as suas moendas e veio a funcionar em perfeita harmonia toda engrenagem de seu complexo industrial, a agroindústria de açúcar do Estado do Rio passou a contar com mais um reforço considerável para novas e importantes conquistas.

Com todo seu projeto estruturado com base num lay-out simples e funcional — todo equipamento foi especificado dentro do que há de mais moderno na tecnologia açucareira, num grau de sofisticação inédito na atividade — a nova Usina São João passou a representar um marco do pioneirismo do município de Campos na indústria açucareira fluminense e nacional.

Arrojo

A nova unidade surgiu de um projeto totalmente original e arrojado, fugindo por completo da rotina do parque açucareiro nacional que sempre foi da ampliação de fábricas já em funcionamento. Esse projeto foi desenvolvido com base no potencial agrícola analisado em três etapas distintas, sendo duas de previsão de crescimento futuro. Ao acionar a nova unidade, a empresa desativou a velha fábrica.

Para a primeira fase foi considerada uma moagem de 6 mil toneladas cana/dia, o que equivale a uma produção diária de 10 mil sacos de 60 kg./dia e um total de 1 milhão e 500 mil sacos, em 180 dias de safra. Mas, toda infra-estrutura está projetada no sentido de re passar gradativamente para moagens de 9 mil toneladas de cana/dia até ser atingida a meta máxima do projeto, que é de 12 mil toneladas de cana/dia.

Em sua nova fase a Usina São João, que tem como diretores as Sras. Aspásia Lysandro de Albemaz; Hilda Lysandro Martins, Nídia Lysandro Santos, e os Srs. Aylton Damas dos Santos, Jacintho Lopes Martins e Inácio Lysandro Martins, não esqueceu a produção de álcool. E tanto isso é verdade que, sintonizada com as metas do Plano Nacional de Álcool, está montada uma grande destilaria, com capacidade para produzir 90 mil litros diários de álcool anidro para mistura carburante, estando em estudo projeto que vai dotar a destilaria de maior capacidade de fabricação.

Para todos diretores da empresa, a expansão da Usina São João e a conquista de novas metas, expressa pela grandiosidade e imponência do conjunto industrial inaugurado no último final de semana, nada mais é do que o reconhecimento e o agradecimento de toda família ao espírito arrojado e empresarial do saudoso Bartholomeu Lysandro de Albemaz que, partindo de uma pequena fábrica, soube conduzir a empresa para conquistas maiores com a mesma segurança com que sempre soube conduzir seus empreendimentos.

Equipamentos

A nova Usina São João — ela está localizada à margem esquerda do rio Paraíba do Sul, a três quilômetros da área urbana de Campos — tem, em linhas gerais, os seguintes equipamentos principais: conjunto de cinco ternos de moendas “Farrel” de 42” x 84”; dois conjuntos de navalhas rotativas, acionadas por turbinas a vapor; três geradores de vapor d’água para 54 toneladas de

São João implanta nova usina e concretiza sonho de seu fundador

Desde o último sábado, quando a Usina São João (B. Lysandro SA), acionou as suas moendas e veio a funcionar em perfeita harmonia toda engrenagem de seu complexo industrial, a agroindústria de açúcar do Estado do Rio passou a contar com mais um reforço considerável para novas e importantes conquistas.

Arrojo

A nova unidade surgiu de um projeto totalmente original e arrojado, fugindo por completo da rotina do parque açucareiro nacional que sempre foi da ampliação de fábricas já em funcionamento. Esse projeto foi desenvolvido com base no potencial agrícola analisado em três etapas distintas, sendo duas de previsão de crescimento futuro. Ao acionar a nova unidade, a empresa desativou a velha fábrica.

Para a primeira fase foi considerada uma moagem de 6 mil toneladas cana/dia, o que equivale a uma produção diária de 10 mil sacos de 60 kg./dia e um total de 1 milhão e 500 mil sacos, em 180 dias de safra. Mas, toda infra-estrutura está projetada no sentido de re passar gradativamente para moagens de 9 mil toneladas de cana/dia até ser atingida a meta máxima do projeto, que é de 12 mil toneladas de cana/dia.

Em sua nova fase a Usina São João, que tem como diretores as Sras. Aspásia Lysandro de Albemaz; Hilda Lysandro Martins, Nídia Lysandro Santos, e os Srs. Aylton Damas dos Santos, Jacintho Lopes Martins e Inácio Lysandro Martins, não esqueceu a



Para todos diretores da empresa, a expansão da Usina São João e a conquista de novas metas, expressa pela grandiosidade e imponência do conjunto industrial inaugurado no último final de semana, nada mais é do que o reconhecimento e o agradecimento de toda família ao espírito arrojado e empresarial do saudoso Bartholomeu Lysandro de Albemaz que, partindo de uma pequena fábrica, soube conduzir a empresa para conquistas maiores com a mesma segurança com que sempre soube conduzir seus empreendimentos.

Equipamentos
A nova Usina São João — ela está localizada à margem esquerda do rio Paraíba do Sul, a três quilômetros da área urbana de Campos — tem, em linhas gerais, os seguintes equipamentos principais: conjunto de cinco ternos de moendas “Farrel” de 42” x 84”; dois conjuntos de navalhas rotativas, acionadas por turbinas a vapor; três geradores de vapor d’água para 54 toneladas de vapor/hora cada um; duas colunas de sulfitação, tanques para controle de PH; conjunto de aquecedores “Webre” com válvulas para limpeza; e dois clarificadores “Rapiddorr”, com 34 pés.

E mais ainda: quatro caixas de evaporação; quatro cozedores à vácuo de 600 hl cada, e um quinto de 400 hl; quatro centrífugas automáticas de açúcar; quatro centrífugas contínuas; 10 cristalizadores de 650 hl para as massas A, B e C; dois cristalizadores do tipo “Werspoor”; três secadores, tendo dois do tipo rotativo; o captação d’água com duas bombas centrífugas de 5 mil m3/hora de vazão, sendo a água trazida às bombas por gravidade, através de um canal de 600 m de comprimento; e dois geradores de energia elétrica de 1500 KVA.

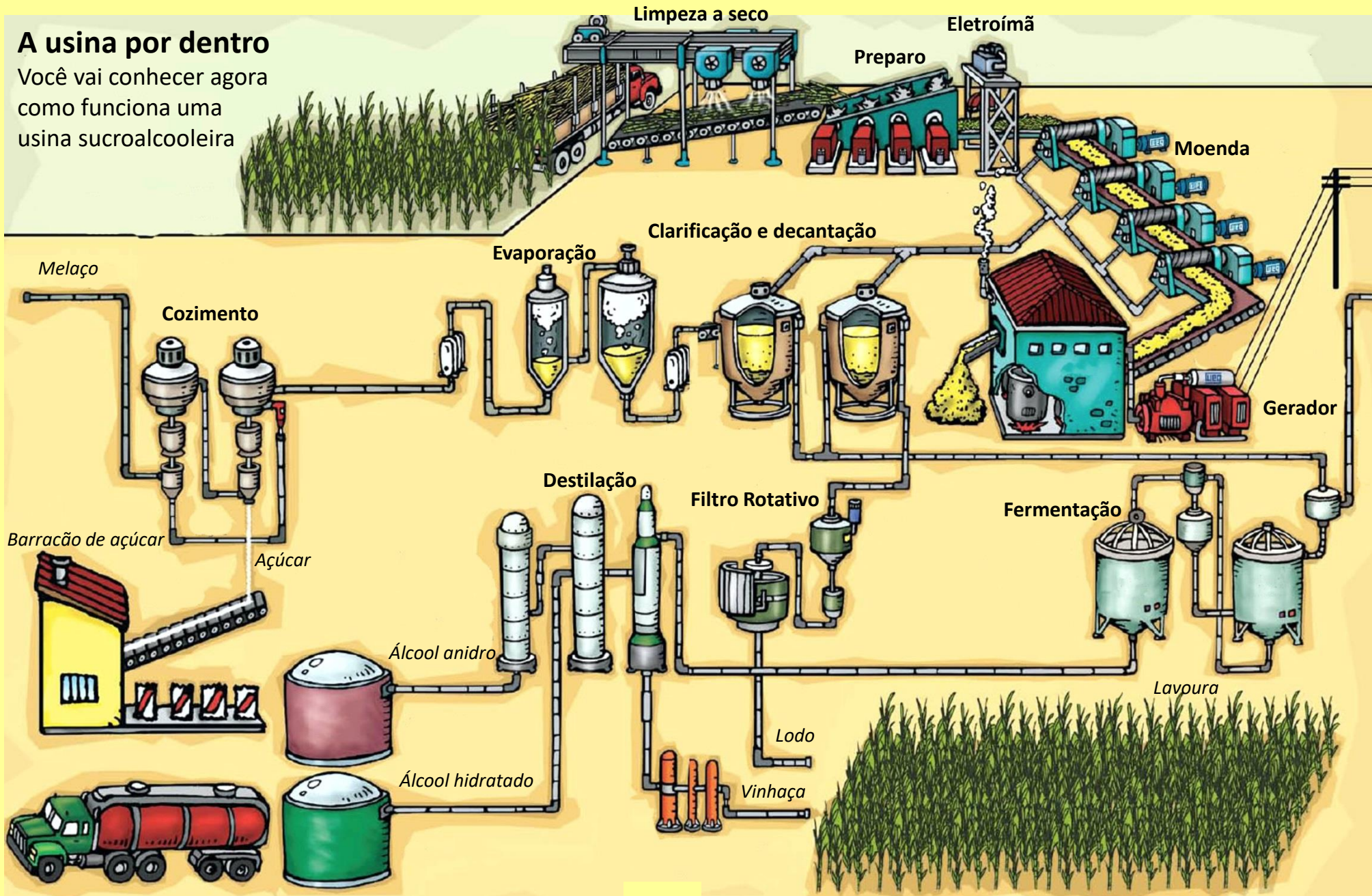
vapor/hora cada um; duas colunas para sulfitação, tanques para dosagem do caldo com controle do PH; conjunto de aquecedores “Webre” com válvulas para limpeza; e dois clarificadores “Rapiddorr”, com 34 pés.

E mais ainda: quatro caixas de evaporação; quatro cozedores à vácuo de 600 hl cada, e um quinto de 400 hl; quatro centrífugas automáticas de açúcar; quatro centrífugas contínuas; 10 cristalizadores de 550 hl para as massas A, B e C; dois cristalizadores do tipo “Werspoor”; três secadores, sendo dois do tipo rotativo; o captação d’água com duas bombas centrífugas de 5 mil m3/hora de vazão, sendo a água trazida às bombas por gravidade, através de um canal de 600 m de comprimento; e dois geradores de energia elétrica de 1500 KVA.

(O Globo, Rio de Janeiro, Economia, 21/06/1978, p. 19).

A usina por dentro

Você vai conhecer agora como funciona uma usina sucroalcooleira



Estado atual da Usina São João



Destilaria



Bombas de água



Balança



Laboratório externo



Tombador



Interior da fábrica em funcionamento



Construção da destilaria

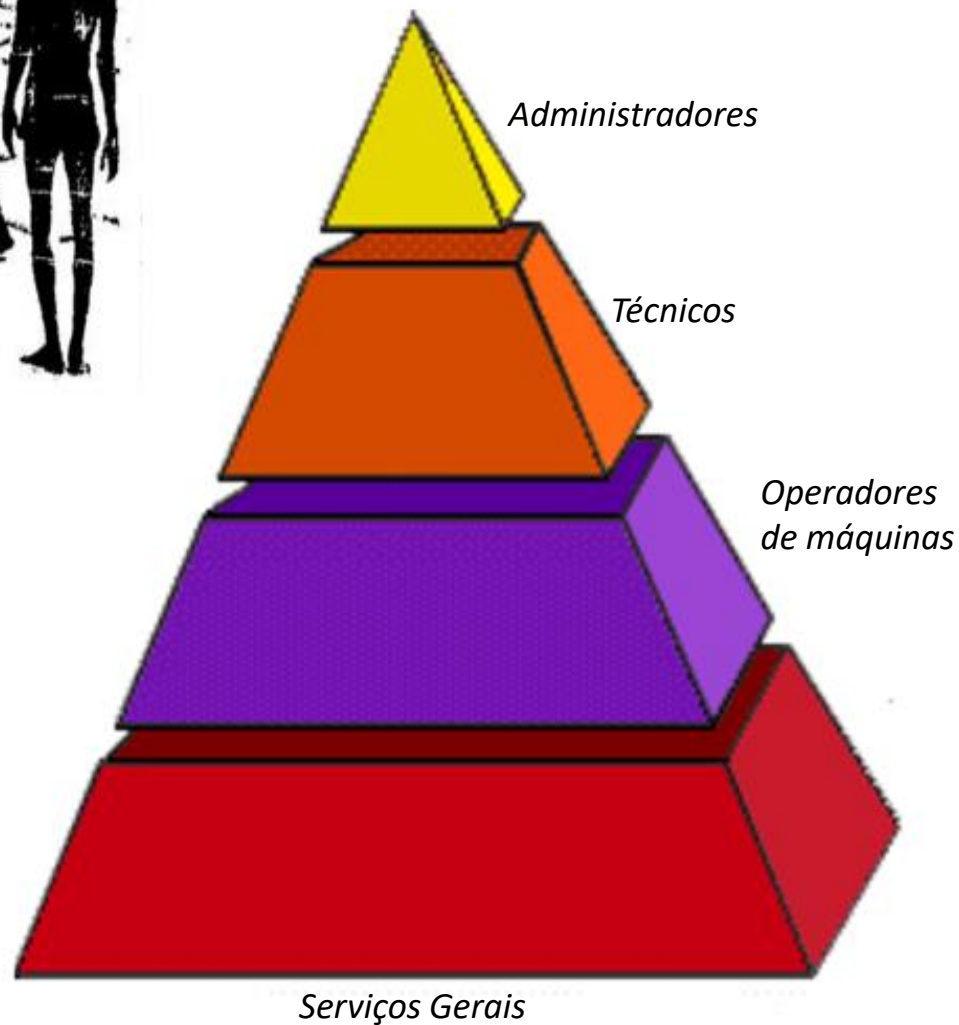


**Utilize sua criatividade para
pintar a Usina São João.
Capriche!!!**



Trabalhadores carregando saco de açúcar

Trabalhadores da usina sucroalcooleira



O Início da Safra da Usina São João

CAMPOS, 6 (D. C.) — A tradicional fábrica de açúcar, do industrial Bartolomeu Livrando, iniciou a moagem para a safra de açúcar, do corrente ano. Ao ato estiveram presentes altos representantes da indústria do comércio, do mundo financeiro e pessoas da melhor sociedade. A's 9 horas foi celebrada missa cantada na capela de Usina e benzimento da aparelhagem da fábrica.

O sr. Bartolomeu, findas as cerimônias, ofereceu aos presentes uma farta mesa de doces.

(Diário Carioca, Rio de Janeiro, 6/6/1944, p. 3).

RELATO PESSOAL

Katia Maria dos Santos Silva

Como Técnica em Química, formada pela Escola Técnica Federal de Campos (atual IFF), trabalhei na Usina São João nas safras de 1987 e 1988. No primeiro ano, de forma terceirizada, como funcionária da Fundenor (Fundação de Desenvolvimento do Norte Fluminense), compondo a equipe responsável pela análise da qualidade da cana. O laboratório ficava localizado na entrada dos caminhões e carretas de transporte da matéria-prima. No imaginário dos funcionários na época, era um período de plenitude, pois a infraestrutura da usina nova representava o que de mais moderno havia em Campos. A usina batia recordes de produção, dividindo com a Usina Sapucaia o ranking das melhores da região.

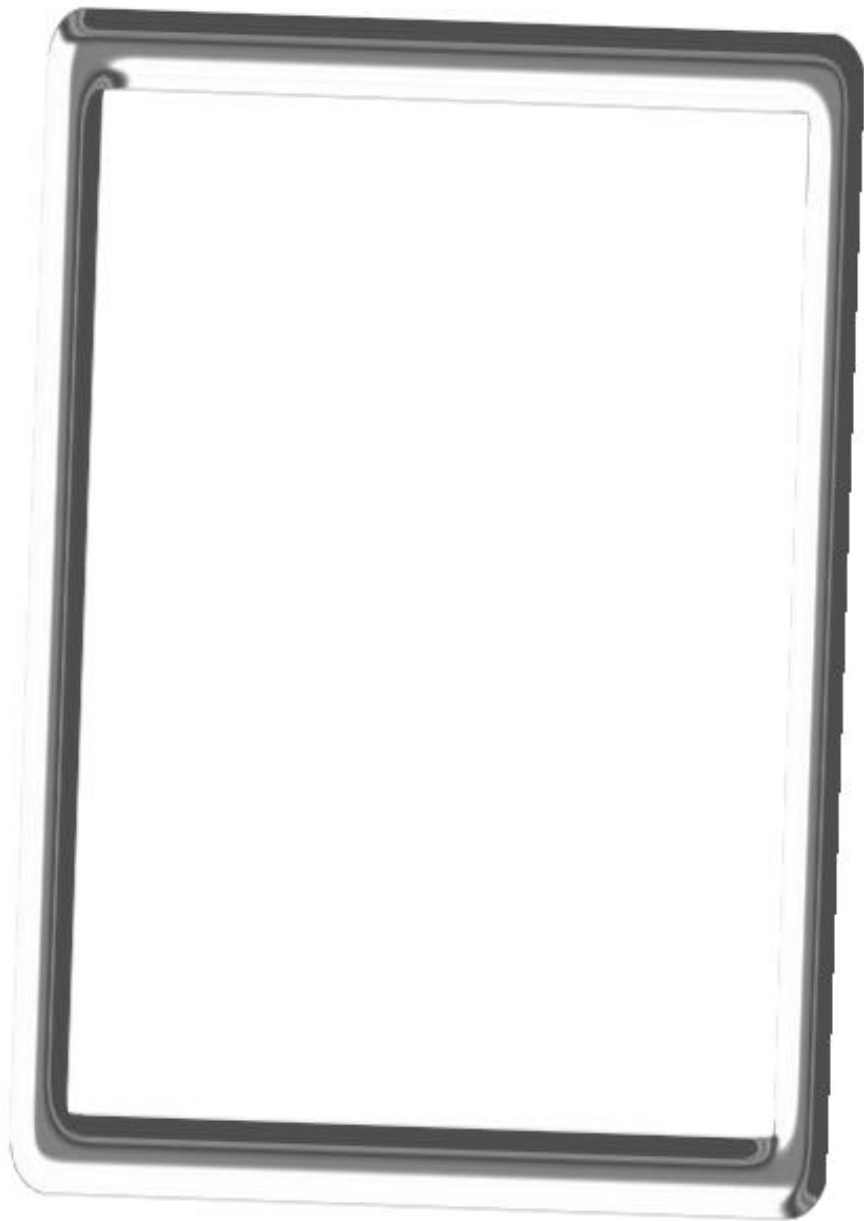
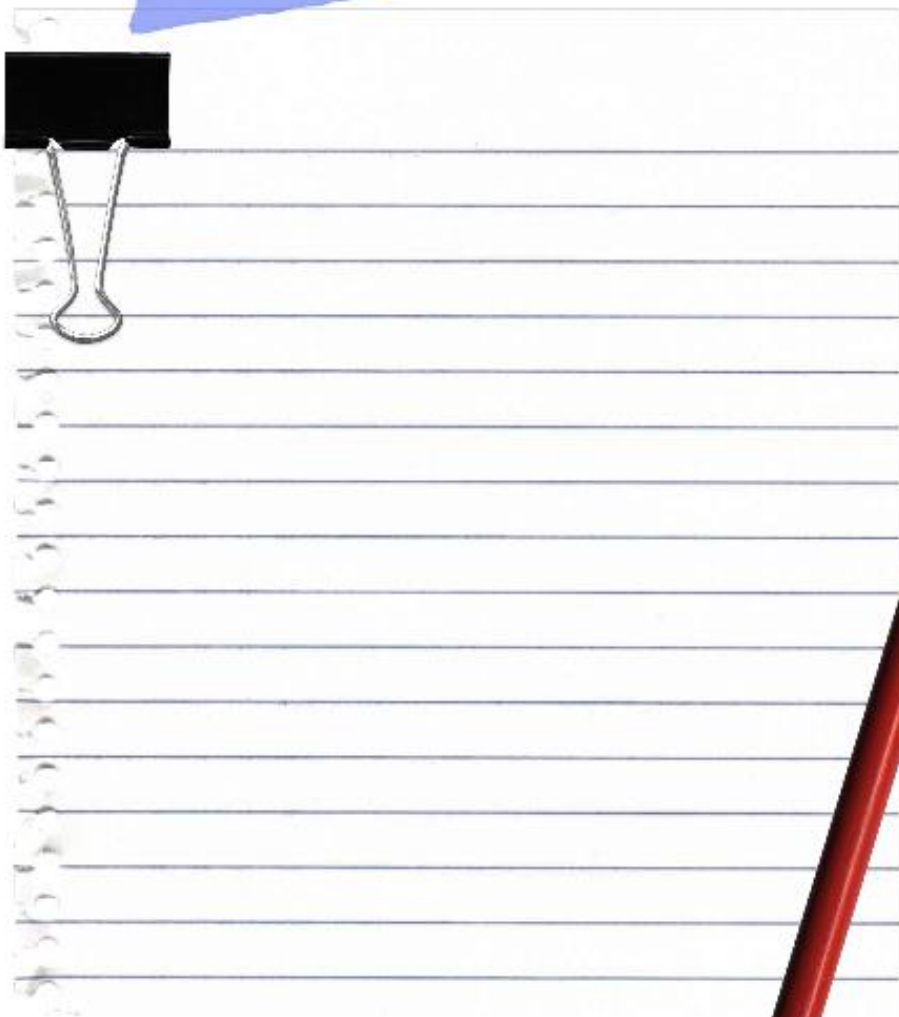
Trabalhávamos em dois turnos de doze horas e, aos domingos, alternávamos uma folga ou uma dobra (24 horas ininterruptas de trabalho). Em média seis meses em que a fábrica era o local em que vivíamos. Pois em nossas casas chegávamos basicamente para dormir e nos alimentar. Assim, surgiam relacionamentos sólidos de amizade, parceria e até mesmo romances.

No ano de 1988 fui contratada pela própria Usina, compondo a equipe que analisava a qualidade das etapas da fabricação e dos produtos finais, que eram o açúcar e o álcool. A primeira diferença marcante era o fato de ter um ônibus que nos buscava e levava ao trabalho. O laboratório ficava dentro da fábrica, ocupando uma grande área. Era equipado com modernos aparelhos de análise química, retratando bem o resplendor da usina nova. O que não sabíamos é que já eram tempos de crise. Exigia-se de nós, trabalhadores, uma disciplina e desempenho de excelência. A crise fazia com que chefes de setores, engenheiros e os donos da usina impusessem uma disciplina ainda maior.

No final do mês de outubro, com a fabricação em pleno vapor, em um domingo de dobra, fui sumariamente demitida porque, ao final da tarde, um dos donos da usina adentrou repentinamente o Laboratório, sem que desse tempo de sermos alertados da sua presença. Encontrou um rádio ligado e eu que cantava alegremente como se estivesse em casa ou numa festa. Ele apenas perguntou de quem era o rádio. Respondi que era meu e até achei que ele tivesse gostado da música. Mas, na segunda pela manhã, encerrava-se ali o meu trabalho. Fui demitida, levando comigo o meu rádio.



Meus registros





4. O trabalho no campo

As usinas podem ser classificadas como indústrias rurais. Ao mesmo tempo em que utilizam máquinas modernas, alta tecnologia e pessoal especializado, localizam-se frequentemente em meio rural, próximas aos canaviais, e dependem tanto de outros produtores (muitas vezes a própria usina é uma produtora de cana) quanto de trabalhadores da agricultura.

Os produtores de cana de açúcar são proprietários de pequenas, médias e grandes extensões de terra. São conhecidos como "fornecedores", porque negociam diretamente com a usina a venda da matéria-prima. Produtores maiores às vezes atuam como intermediários entre os produtores menores e a usina.

Entre os trabalhadores da agricultura canavieira, há também os "bóias-frias", que trabalham na lavoura. Alguns possuem carteira de trabalho assinada e, após a safra, continuam trabalhando na plantação de novas mudas e na manutenção do canavial. Outros, são contratados apenas para o período da colheita, sendo dispensados ao seu término.

Não apenas em Campos, mas em todo o Brasil, são os trabalhadores da agricultura o que mais sofrem com as pesadas condições de trabalho da economia canavieira. Até a Constituição de 1988, eles não possuíam nem os direitos conferidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). São constantes as denúncias de maus tratos e opressão, incluindo a de que há trabalhadores submetidos a condições de trabalho análogas à escravidão, o que é punido por lei.



AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO



HOMENS OU MÁQUINAS?

Média de extração por cortador de cana:



O trabalho no corte de cana-de-açúcar é, reconhecidamente, um dos mais árduos do meio rural brasileiro. Assim, hoje, o ritmo imposto aos trabalhadores é de competição com as máquinas, já que uma colheitadeira realiza o trabalho de 80 a 100 pessoas. Excesso de horas extras é um dos problemas mais comuns nas lavouras do país.

CONVITE À MORTE

Uma das críticas mais contundentes ao corte manual de cana-de-açúcar diz respeito ao pagamento por produtividade. Ou seja: quanto mais um trabalhador corta, mais dinheiro ele recebe. Como a atividade nas lavouras é muito desgastante, esse sistema de remuneração é um estímulo à degradação da saúde dos trabalhadores. A perversidade dessa lógica reside no fato de que a responsabilidade pelo ritmo de trabalho é transferida ao cortador. Em busca de um salário mais alto – o piso em São Paulo é de R\$ 800,00, e em Goiás é de R\$ 840,00 –, eles fazem um esforço tão grande que pode gerar paradas cardíacas e até levá-los à morte. Só entre 2004 e 2009, segundo levantamento feito pela Pastoral do Migrante em Guariba (SP), entidade ligada à Igreja Católica, 23 cortadores faleceram em decorrência do esforço excessivo nas lavouras.

GALOR

Outro problema grave no corte manual da cana-de-açúcar é a exposição a altas temperaturas. Isso acontece porque, antes de ser colhida, a palha da cana é queimada, o que facilita a extração e aumenta a produtividade dos trabalhadores. Em abril de 2014, a Raízen foi condenada em primeira instância pela Vara do Trabalho de São Carlos (SP) a pagar uma indenização de R\$ 7,5 milhões por expor os cortadores de cana a calor excessivo em suas lavouras. A empresa é maior produtora de açúcar e álcool do mundo, formada pelo grupo brasileiro Cosan e pela multinacional Shell. Segundo a decisão, a Raízen não observou as regras contidas na Norma Regulamentadora 15 do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que estabelece limites de tolerância para exposição ao calor.



FIM DAS QUEIMADAS



No entanto, esta realidade está sendo mudada. A queima das lavouras de cana-de-açúcar tem diminuído drasticamente no estado de São Paulo. Na safra 2013/2014, por exemplo, cerca de 7 milhões de hectares de cana deixaram de ser colhidos com o uso do fogo. Isso se deve, em grande parte, ao Protocolo Agroambiental, assinado em 2007 por cerca de 150 usinas. O documento determinou o fim da queima até 2014 nos canaviais cultivados em áreas planas onde é possível mecanizar a colheita. Já no terrenos em que a utilização de máquinas ainda não é viável, o prazo vai até 2017. A proibição das queimadas tem acelerado ainda mais o processo de substituição dos cortadores manuais por colheitadeiras mecânicas.

(BARROS, Carlos Juliano. As condições de trabalho no setor sucroalcooleiro. Disponível em: <http://trabalhonacana.escravonempensar.org.br>. Acesso em maio de 2016).

Gesto Desalmado do Usineiro Campista

O explorador e deputado udenista mandou arrazar as plantações dos camponeses



CAMPOS, 17 (Do correspondente) - O deputado da U.D.N., Bartolomeu Lisandro, proprietário das Usinas São João, Santa Maria e dezenas de fazendas vem cometendo tôda sorte de violências contra os camponeses que trabalham em suas terras. Mandou há poucos que tratores passassem por cima das roças dos lavradores arrasando tôdas as plantações.

Dentro de suas vastas áreas de terras existiam trechos incultiváveis: pântanos e brejais onde os tratores de Lisandro não podiam penetrar. Os trabalhadores, com tremendo sacrifício, sanearam os pantanais, transformando-os em terras férteis. Plantaram feijão, aipim, milho, etc.

GESTO DESALMADO

Lisandro deixou passar mais de um ano e agora, quando os lavradores iam colher suas plantações, o usineiro, num gesto desalmado, mandou passar os tratores em cima das roças destruindo tudo. O administrador disse que não será pago um centavo de indenização a ninguém. As terras são da Usina e eles precisam plantar canas ali. Contra essa arbitrariedade, êsse ato de perversidade e egoísmo de Bartolomeu Lisandro, existe uma onda de indignação entre todos os trabalhadores. E não é só isto, os empregados das usinas e das fazendas do deputado udenista, estão sendo vítimas de tôda sorte de exploração. Ganham salários de fome, principalmente os menores e mulheres.

EXPLORAÇÃO DE MULHERES E MENORES

Percorremos diversos locais de trabalho das usinas Santa Maria e São João e podemos observar como são explorados mulheres e menores que ali trabalham. O salário-mínimo da região é 2.100 cruzeiros, as mulheres ganham de vinte a 30 cruzeiros por dia no corte ou plantação de canas. Os menores ganham de 10 a 20 cruzeiros, isto a critério da administração. Menores a começar de 12 anos enfrentam o trabalho duro, todos os dias. São até obrigados a trabalhar aos domingos.

Muitos trabalham em serviços arriscados, acontecendo às vêzes serem vítimas de graves acidentes. No dia 11 do corrente o menor Manoel Mendes com 13 anos de idade, ajudante de tratorista da Usina São João, quando trabalhava em tombamento de terras para o plantio, teve as duas pernas quebradas pelo trator. Isto já é demais: menor trabalhando aos domingos, ajudante de tratorista ganhando 20 cruzeiros por dia. Nunca se viu tanta exploração e tanta miséria como aqui nas usinas de Bartolomeu Lisandro.

Daí a necessidade os operários lutarem pela posse da diretoria eleita do seu sindicato. Pois só unidos no sindicato com diretoria honesta e combativa é que os trabalhadores das usinas de Campos podem defender os seus direitos e reivindicações.

(Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 18/12/1955, p. 6).

Traficante de bóias-frias é preso em Campos

O Delegado Titular da 111ª DP de Campos, José Roberto Vieira acaba de dar voz de prisão ao empreiteiro Luiz Ricardo Acciolly Tenório como responsável pela situação de promiscuidade social e escravatura dos bóias-frias que foram recrutados em uma fazenda de Alagoas sob promessas e garantias de uma vida melhor e bons salários, para trabalharem nas lavouras da usina São João em Campos.

O Secretário Estadual do Trabalho, Átila Nunes, que se fez acompanhar na tarde de ontem do subsecretário Antônio Carlos Costa, assessores e do Promotor de Justiça do Estado, Luiz Rodrigues Pinheiro, que representou o Procurador-Geral da Justiça, Carlos Alberto Navega, retornou à Fazenda Campelo com toda a comitiva e a imprensa local, onde ouviu mais uma vez a história dos canavieiros de Alagoas, tendo como testemunha o próprio delegado e o Promotor de Justiça.

Uma parte dos bóias-frias já tinha partido para a terra natal, entre eles o outro empreiteiro Paulo Sérgio, conterrâneo e co-responsável pelo contrato firmado com Ricardo Acciolly Tenório e a Usina São João.

Um fato isolado que chamou a atenção no Aeroporto de Campos. Enquanto a imprensa esperava, a comitiva do Secretário Átila Nunes, o empreiteiro Ricardo Acciolly Tenório chegou em um jatinho particular, desembarcando sem ser importunado. Mais tarde, ao aparecer na fazenda no momento em que a comitiva tomava depoimentos dos bóias-frias, foi detido pelo Delegado José Roberto e seu crime, segundo revelou a autoridade policial é inafiançável.

Átila Nunes e o subsecretário do Trabalho, Antônio Carlos Costa ao se dirigirem aos bóias-frias, ressaltaram as determina-

ções do Governador Moreira Franco de apurar o caso com rigor e do direito de todos como cidadãos livres de voltarem para suas cidades imediatamente, sendo inclusive esse o desejo dos canavieiros de Alagoas, que arrependidos, pediam ao Secretário que os ajudasse a voltar o mais rápido possível para suas famílias.

No local também compareceram o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos, José Rodrigues Salles, o presidente da Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado do Rio, Eraldo Lyrio e uma advogada do sindicato, que vão providenciar a volta de todos na manhã desta quarta-feira, de ônibus semileito. A Usina São João, depois da repercussão da denúncia já se dispôs a acertar os atrasados dos contratados, pagando o saldo de salário hoje quando cada um vai receber o acumulado de 420 cruzados novos por 24



Moreira Franco entre Átila Nunes e Carlos Navega dias trabalhados e o contrato será rescindido.

O Secretário Átila Nunes disse, em entrevista, que as denúncias de trabalho escravo, na Usina São João, envolvem cerca de 150 pessoas (homens e crianças) iludidos por promessas mirabolantes de homens que se intitulam "empreiteiros", já que são eles quem vão a outros estados, prometem tudo as famílias humildes, e até assinam carteiras de trabalho, como se fossem empresas.

Entre as irregularidades, já identificadas, Átila Nunes apontou o trabalho de crianças de 6 e 7 anos, "inclusive com risco de vida, já que usam facões", contra-

tos de trabalho que dão ao "empreiteiro" direito de deslocar os grupos para qualquer local, e a má qualidade dos aposentos e da alimentação. Átila disse que apenas uma palavra é adequada para definir o alojamento — chiqueiro.

Carlos Alberto Navega, que já deslocou promotores de Justiça para acompanhar as investigações, prometeu rapidez nas soluções. Em resposta a uma pergunta do repórter, explicou que as penas, no caso, estão previstas no artigo 149 do Código Penal — de 2 a 8 anos de reclusão, para quem leva pessoas a um trabalho, de forma análoga ao regime escravo.

Uma parte dos bóias-frias já tinha partido para a terra natal, entre eles o outro empreiteiro Paulo Sérgio, conterrâneo e co-responsável pelo contrato firmado com Ricardo Acciolly Tenório e a Usina São João.

Um fato isolado que chamou a atenção no Aeroporto de Campos. Enquanto a imprensa esperava a comitiva do Secretário Átila Nunes, o empreiteiro Ricardo Acciolly Tenório chegou em jatinho particular, desembarcando sem ser importunado. Mais tarde, ao aparecer na fazenda no momento em que a comitiva tomava depoimentos dos bóias-frias, foi detido pelo Delegado José Roberto e seu crime, segundo revelou a autoridade policial, é inafiançável.

Átila Nunes e o subsecretário do Trabalho, Antônio Carlos Costa, ao se dirigirem aos bóias-frias, ressaltaram as determinações do Governador Moreira Franco de apurar o caso com rigor e do direito de todos como cidadãos livres de voltarem para suas cidades imediatamente, sendo inclusive esse o desejo dos canavieiros de Alagoas, que arrependidos, pediam ao Secretário que os ajudasse a voltar o mais rápido possível para suas famílias.

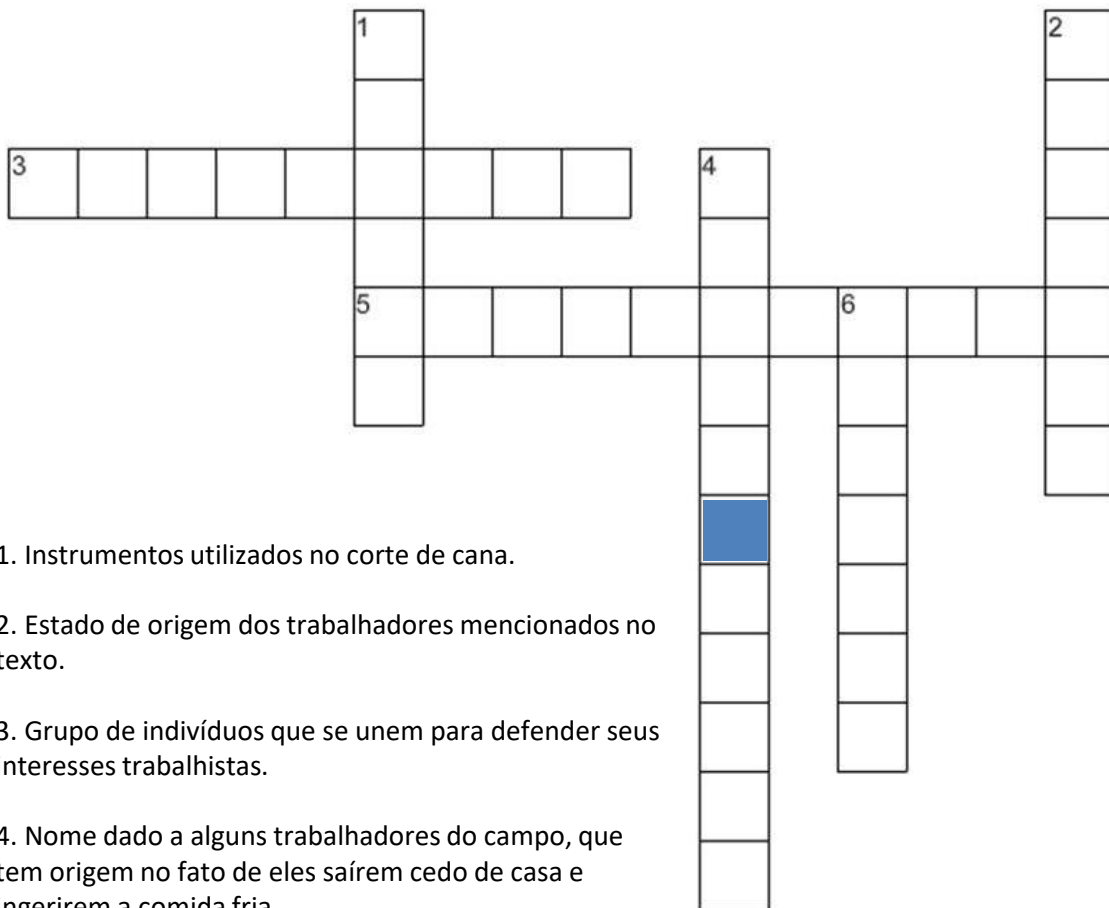
No local também compareceram o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos, José Rodrigues Salles, o presidente da Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado do Rio, Eraldo Lyrio e uma advogada do sindicato, que vão providenciar a volta de todos na manhã desta quarta-feira, de ônibus semileito. A Usina São João, depois da repercussão da denúncia já se dispôs a acertar os atrasados dos contratados, pagando o saldo de salário hoje quando cada um vai receber o acumulado de 420 cruzados novos por 24 dias trabalhados e o contrato será rescindido.

O Secretário Átila Nunes disse, em entrevista, que as denúncias de trabalho escravo, na Usina São João, envolvem cerca de 150 pessoas (homens e crianças) iludidos por promessas mirabolantes de homens que se intitulam "empreiteiros", já que são eles que vão a outros estados, prometem tudo as suas famílias humildes, e até assinam carteiras de trabalho, como se fossem empresas.

Entre as irregularidades, já identificadas, Átila Nunes apontou o trabalho de crianças de 6 e 7 anos, "inclusive com risco de vida, já que usam facões", contratos de trabalho que dão ao "empreiteiro" direito de deslocar os grupos para qualquer local, e a má qualidade dos aposentos e da alimentação. Átila disse que apenas uma palavra é adequada para definir o alojamento — chiqueiro.

Carlos Alberto Navega, que já deslocou promotores de Justiça para acompanhar as investigações, prometeu rapidez nas soluções. Em resposta a uma pergunta do repórter, explicou que as penas, no caso, estão previstas no artigo 149 do Código Penal — de 2 a 8 anos de reclusão, para quem leva pessoas a um trabalho, de forma análoga ao regime escravo.

Leia a reportagem e encontre as respostas da cruzadinha:



1. Instrumentos utilizados no corte de cana.
2. Estado de origem dos trabalhadores mencionados no texto.
3. Grupo de indivíduos que se unem para defender seus interesses trabalhistas.
4. Nome dado a alguns trabalhadores do campo, que tem origem no fato de eles saírem cedo de casa e ingerirem a comida fria.
5. Empresário que contrata profissionais para outras empresas, de forma terceirizada.
6. Situação do profissional que não é tratado de acordo com os princípios de dignidade humana.

O QUE É TRABALHO ESCRAVO?

Mais do que uma infração à legislação trabalhista, reduzir uma pessoa a condição “análoga à de escravo”, como diz o artigo 149 do Código Penal, é um crime contra a dignidade humana. Hoje, a escravidão pode ser caracterizada por qualquer um dos quatro elementos a seguir:

TRABALHO FORÇADO: Ameaças e violência física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: Expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, porque o tempo de descanso não é suficiente para que ele consiga recuperar as forças para a próxima jornada.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: Alojamentos precários, falta de equipamentos de proteção e alimentação insalubre.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: Fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentos e ferramentas para “prender” o trabalhador ao local de trabalho.

(BARROS, Carlos Juliano. As condições de trabalho no setor sucroalcooleiro. Disponível em: <http://trabalhonacana.escravonempensar.org.br>. Acesso em maio de 2016).







Bye bye canavial em tempo de mecanização

Luiz Felipe de Alencastro Ensaio

Pior do que ser explorado pelo capitalismo é não ser explorado pelo capitalismo

cima dos canaviais. Da Idade Média até a contemporaneidade, o açúcar sempre foi extraído na base da coerção e do duro trabalho dos homens, das famílias, das crianças.

Um vocabulário sinistro, desqualificador, serviu, e serve ainda, para designar os cortadores de cana: "fôlego vivo", "enxada", "braço". No sul dos Estados Unidos, no Caribe, na América do Sul, na África, na Ásia, em toda parte onde crescem canaviais, tem sido a mesma coisa. No ano passado, um seminário reuniu especialistas internacionais na Ilha da Madeira, um dos focos de irradiação da cultura canvieira no Atlântico quinhentista, para estudar as conexões entre as diferentes formas de trabalho compulsório e o açúcar.

Além de todo o dano já feito nos campos e na vida dos homens do campo, a cana causa estragos nos cidadãos que residem perto das zonas de plantação. Estudos realizados pelas universidades paulistas mostram que as internações hospitalares provocadas por doenças respiratórias aumentam fortemente em Ribeirão Preto, Campinas, São José dos Campos nos meses de junho e julho, época da queimada dos canaviais.

No entanto, de uns anos para cá, vêm ocorrendo mudanças decisivas. Depois de

Nesta época do ano, corta-se cana-de-açúcar no Brasil. É assim há quase 500 anos, desde que a cana entrou aqui, trazida das ilhas do Atlântico, junto com os engenhos e os escravos africanos. Tudo veio importado: a planta, a tecnologia, os técnicos, os proprietários e os trabalhadores. De fora veio também o sistema que tocava as coisas para a frente: a escravidão. Existe essa triste sina por

muitos ensaios técnicos fracassados, apareceram máquinas colheitadeiras que dispensam o uso das foices e dos facões. Por ricochete, cada colheitadeira desemprega, no mínimo, 35 cortadores de cana. Não há dados precisos sobre o número de colheitadeiras nos canaviais brasileiros. Mas as previsões dos sindicatos indicam que, a médio prazo, no interior do Estado de São Paulo, o maior pólo produtor de açúcar e de álcool do país, entre 80 000 e 120 000 trabalhadores rurais perderão o emprego por causa da mecanização do corte de cana.

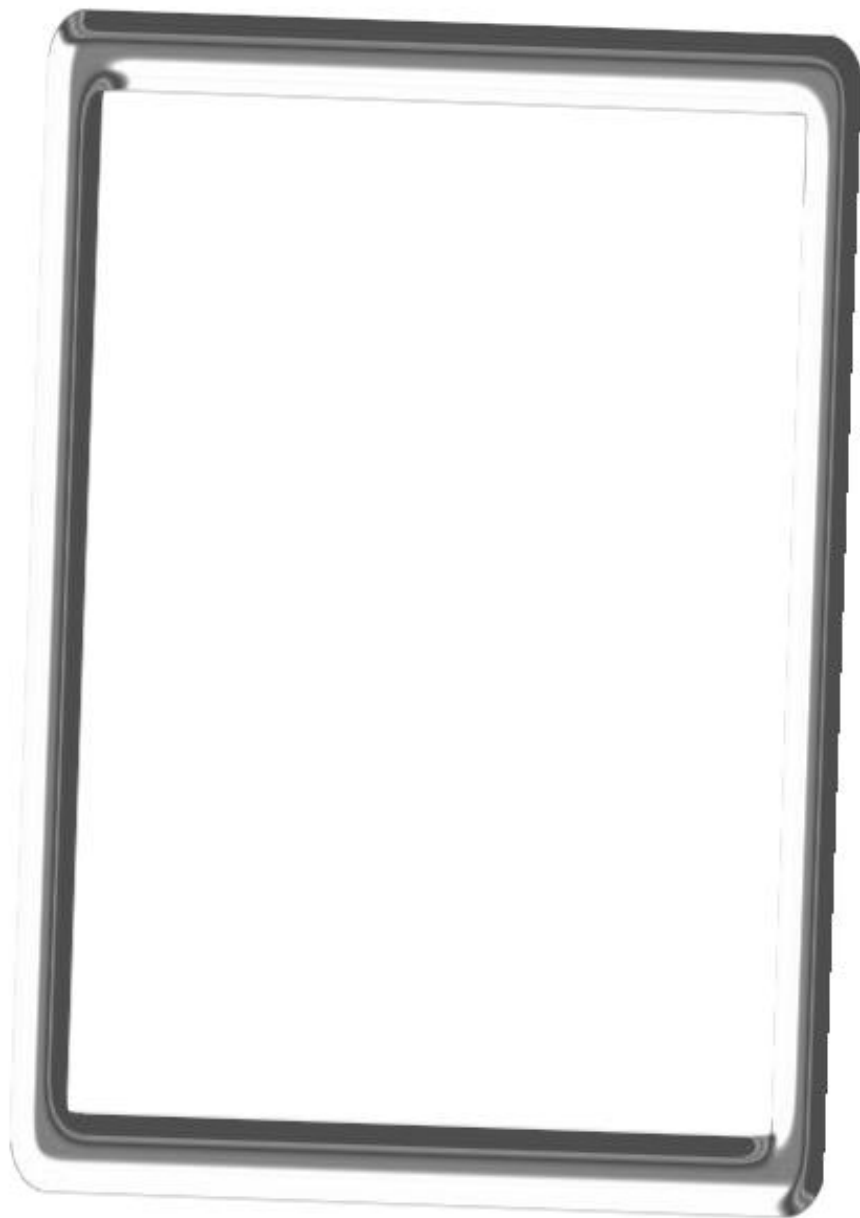
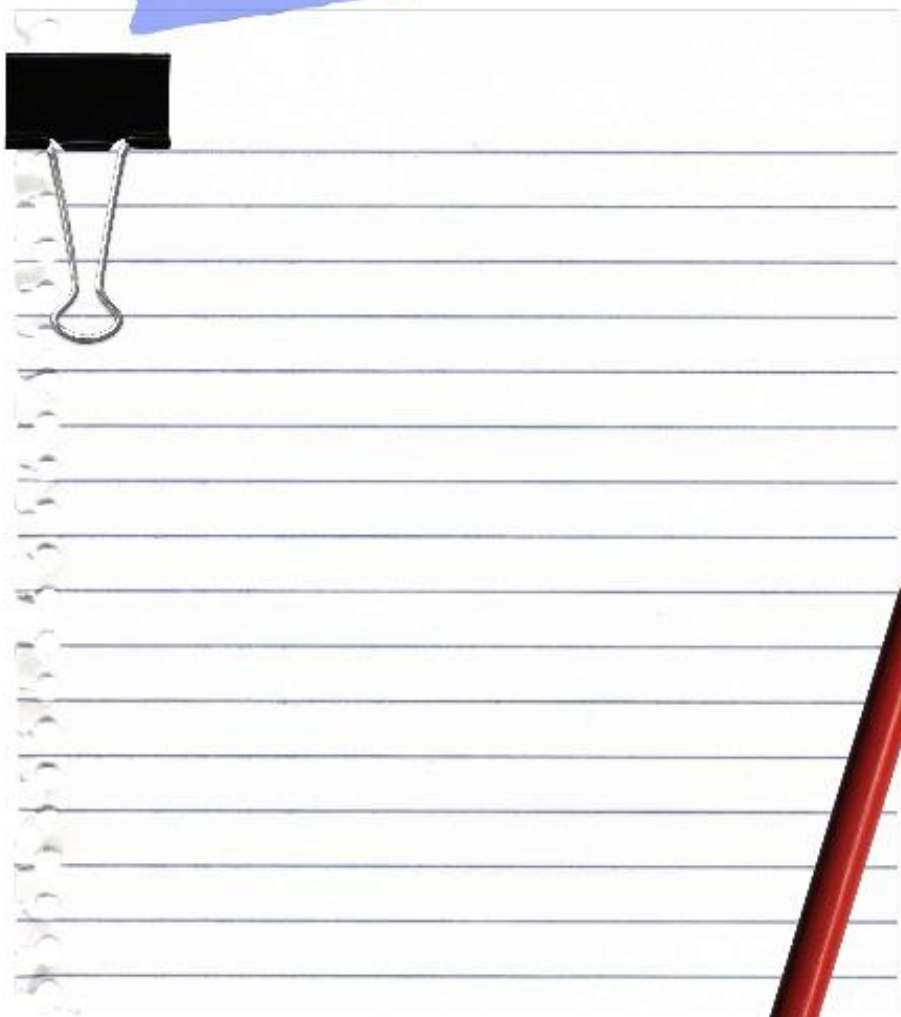
Cedo ou tarde o mesmo processo se estenderá às outras zonas canvieiras, deixando desempregados milhares de indivíduos que compõem os trabalhadores menos qualificados e mais desprotegidos do país. Parte dessa gente migrará para as cidades ou para as novas fronteiras agrícolas. Muitos podem ficar definitivamente sem emprego, confrontados com o problema de civilização mais cruel deste final de milênio. Problema cujo enunciado, tirante as abstrações econométricas, é o seguinte: pior do que ser explorado pelo capitalismo é não ser explorado pelo capitalismo. Nessa altura, a nação deverá lembrar-se dos usineiros. Sucessores de bens e propriedades penduradas há 500 anos nas tetas estatais e sempre prontos a anunciar a própria falência se as subvenções oficiais cessarem, os donos dos canaviais poderão pagar alguma taxa para a qualificação profissional dos cortadores de cana.

Como se vê, as colheitadeiras resolvem uns proble-

mas aqui e criam outros lá adiante. Mas não deve haver dúvidas sobre o sentido das mudanças que elas anunciam. Quaisquer que sejam as dificuldades futuras, a mecanização da colheita de cana-de-açúcar reduz o uso do trabalho bruto, a mão-de-obra infantil, a exploração nos grandes canaviais. Séculos de desperdício da força e da inteligência humana irão sumindo do meio da cana junto com as foices e os facões. Que o diabo os carregue.



Meus registros



5. O assentamento Zumbi dos Palmares

A crise que se instalou no setor canavieiro no final do século XX culminou com o fechamento de várias usinas na região e o desmonte de todo o sistema de assistência social prestado a seus funcionários. Passam a ser constantes os registros de insatisfação tanto dos fornecedores quanto dos trabalhadores da fábrica e do campo. Os salários atrasavam e o desemprego aumentava. A usina já não representava mais o clima de esplendor e euforia.

A falência da Usina São João é decretada em 1995, deixando desamparados seus trabalhadores. As famílias que viviam nas casas da vila operária ficam com as residências, como indenização trabalhista. As demais propriedades, onde estavam os canaviais, são deixadas esquecidas, até que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), alegando o abandono das terras, ocupa a área, dando início à luta da qual se originaria o Assentamento Zumbi dos Palmares, tido como exemplo de reforma agrária a ser seguido por todo o país.

A criação do assentamento põe fim ao domínio dos latifúndios na região, estimulando a produção em pequenas propriedades, através de cooperativas e organizações coletivas. Centenas de famílias são beneficiadas, inclusive algumas que não estavam diretamente ligadas à produção agrícola, mas que viam no movimento uma possibilidade de ascensão social.

ZUMBI ETERNO



Em 1694 a última cidade de Palmares - Macaco - é cercada pelas tropas de Domingos Jorge Velho. Ao longo de três paliçadas, mais de 200 homens armados, se preparam para defender suas casas e suas vidas de uma sociedade escravista e racista.



ZUMBI,
INVADIRAM NOSSA
CIDADE. É O FIM DE
PALMARES!



OS BRANCOS CHEGARÃO AQUI,
A QUALQUER MINUTO!



POIS EU
DIGO QUE
MORREREI
LUTANDO POR
PALMARES!

ISSO!

SIM!

NÃO VOLTAREI
A CHAMAR UM BRANCO
DE "SENHOR"!

FALAM
COMO SE NOSSA LUTA
TIVESSE CHEGADO
AO FIM.

O SONHO
DE UMA TERRA DE
LIBERDADE SÓ TERÁ SEU
FIM QUANDO O ÚLTIMO
DE NÓS DEIXAR DE
SONHA-LO E LUTAR
POR ELE.



ZUMBI?

LIDERE OS MAIS
NOVOS PELA FLORESTA.
CUIDE PARA QUE
TODOS ENCONTREM
SEGURANÇA.



NÃO!!!
ZUMBI, EU IREI
LUTAR AO SEU LADO
ATÉ O FIM.

CAMOANGA.

SEU CORAÇÃO ESTÁ
NO LUGAR CERTO MEU IRMÃO.
UM DIA SERÁS UM GRANDE LIDER,
MAS HOJE A SUA BATALHA
É SOBREVIVER!

PALMARES NÃO É
UM LUGAR. PALMARES É
UM SONHO, UMA LUTA! E ENQUANTO HOVER
UM MEMBRO DE NOSSA RAÇA QUE ACREDITE
NESSE SONHO, PALMARES VIVERÁ!



Campos é novo pólo da Reforma Agrária

■ Objetivo do MST é recriar Pontal no Norte Fluminense

UMA REGIÃO DO NORTE DO Estado do Rio, será transformada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no novo pólo de reforma agrária no Brasil. Com enormes extensões de terras improdutivas e um grande número de trabalhadores rurais desempregados, Campos receberá o mesmo tratamento do Pontal do Paranapanema, no extremo Oeste de São Paulo, onde, a partir de 1992, o MST concentrou militantes tarimbados para organizar os trabalhadores e um processo massivo de invasões. A região do Pontal é, desde então, uma espécie de tambor na luta pela terra.



Prefeitura dá assistência

Programa de Assistência Integral da Prefeitura de Jacarandá, no Norte Fluminense, está sendo implantado em uma fazenda invadida por cerca de 400 famílias de sem-terra. O prefeito Anthony Garotinho, que assumiu o cargo em janeiro, afirmou que a prefeitura se compromete a oferecer água potável, assistência médica, professores para as crianças e transporte.

De acordo com o prefeito, o programa de assistência integral da Prefeitura de Jacarandá, no Norte Fluminense, está sendo implantado em uma fazenda invadida por cerca de 400 famílias de sem-terra. O prefeito Anthony Garotinho, que assumiu o cargo em janeiro, afirmou que a prefeitura se compromete a oferecer água potável, assistência médica, professores para as crianças e transporte.

A direção nacional do MST está fazendo um levantamento com dois objetivos: primeiro, mapear as propriedades que poderão ser invadidas; depois determinar o número de trabalhadores rurais de Campos e de municípios da região que poderão ser recrutados para engrossar os acampamentos. Feito o levantamento, o MST deslocará para Campos algumas lideranças nacionais que hoje prestam serviço em outras regiões do país.

Campos já entrou na agenda do MST, mas o calendário de ações está sendo elaborado com discrição. "A região tem um grande número de propriedades particulares ociosas. Muitas estão nas mãos de usineiros falidos", disse ontem ao dirigente nacional do movimento, ao sinalizar para o alvo dos sem-terra.

Campos já entrou na agenda do MST, mas o calendário de ações está sendo elaborado com discrição. "A região tem um grande número de propriedades particulares ociosas. Muitas estão nas mãos de usineiros falidos", disse ontem ao dirigente nacional do movimento, ao sinalizar para o alvo dos sem-terra.

Campos é novo pólo da Reforma Agrária

Objetivo do MST é recriar Pontal no Norte Fluminense (VASCONCELOS QUADROS)

SÃO PAULO – A região de Campos, no norte do Estado do Rio, será transformada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no novo pólo de reforma agrária no Brasil. Com enormes extensões de terras improdutivas e um grande número de trabalhadores rurais desempregados, Campos receberá o mesmo tratamento do Pontal do Paranapanema, no extremo Oeste de São Paulo, onde, a partir de 1992, o MST concentrou militantes tarimbados para organizar os trabalhadores e um processo massivo de invasões. A região do Pontal é, desde então, uma espécie de tambor na luta pela terra.

Campos já entrou na agenda do MST, mas o calendário de ações está sendo elaborado com discrição. "A região tem um grande número de propriedades particulares ociosas. Muitas estão nas mãos de usineiros falidos", disse ontem ao dirigente nacional do movimento, ao sinalizar para o alvo dos sem-terra.

A direção nacional do MST está fazendo um levantamento com dois objetivos: primeiro, mapear as propriedades que poderão ser invadidas; depois determinar o número de trabalhadores rurais de Campos e de municípios da região que poderão ser recrutados para engrossar os acampamentos. Feito o levantamento, o MST deslocará para Campos algumas lideranças nacionais que hoje prestam serviço em outras regiões do país.

Adesão – O primeiro passo para a ocupação de Campos foi dado no sábado, quando cerca de 400 famílias de sem-terra invadiram a Fazenda São João, de 8.500 hectares. Esse contingente foi engrossado hoje com a chegada de mais 200 famílias deslocadas dos municípios de Macaé, Conceição de Macabu, Rio das Ostras e Casimiro de Abreu.

A estratégia será a mesma usada em outros estados, onde a fisionomia da região começa a ser mudada com a presença das barracas de lona preta erguidas pelos sem-terra à beira das estradas – a vanguarda das invasões massivas.

A referência recente do MST é o Pontal de Paranapanema, uma área de mais de 1 milhão de hectares de terras devolutas situada num triângulo entre São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. Em menos de cinco anos de atuação, marcada pelo enfrentamento com os fazendeiros, o MST transformou o Pontal no maior pólo de concentração de sem-terra do país, substituindo a pecuária extensiva pelo minifúndio.

Calcula-se que exista hoje no Pontal do Paranapanema um contingente de cerca de 8 mil famílias de sem-terra espalhadas pelos municípios da região. Apesar da tensão e dos riscos de um confronto armado, o conflito forçou a ação dos governos federal e estadual. Atualmente, o

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e o Instituto de Terras de São Paulo (Itesp) trabalham para implantar no Pontal o maior programa de reforma agrária do país.

Prefeitura dá assistência

Os sem-terra que estão acampados em Campos, no Norte fluminense, desde a madrugada de sábado, se reuniram ontem com o prefeito Anthony Garotinho, para discutir o apoio que o município dará às 600 famílias que ocupam a Fazenda São João, na localidade de Jacarandá. A prefeitura se compromete a fornecer água potável, assistência médica, professores para as crianças e transporte.

"A prefeitura vai tentar facilitar ao máximo a situação dos acampados, mas não podemos assumir o papel do Incra", disse Garotinho. Ele contou que desde ontem estão sendo enviados caminhões-pipas ao acampamento e que médicos do Programa de Assistência Integral da prefeitura também irão ao local. "Não podemos deixar aquelas pessoas sem assistência."

Garotinho foi informado de que amanhã chegarão mais famílias à fazenda. "Não houve resistência à ocupação. A área era de uma usina que a repassou ao governo federal para saldar dívidas", explicou o prefeito.

Os sem-terra invadiram a fazenda – de 8.535 hectares – com o apoio de vários sindicatos da região. A ocupação tem como objetivo acelerar o processo de desapropriação da terra, feito pelo Incra em dezembro do ano passado.

(Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15/04/1997, p.5).

Marcas do Aniversário de Zumbi dos Palmares

Dia 12 de abril
Ainda no madrugada,
O povo aqui chegava
Vindo de todo o lugar,
Uma mobilização
De todo o pessoal

Foi um tal de dividi grupo
comecei a desconfiá,
esse MST
tá querendo nos mandá,
mais é a forma que se tem
para si organizá

Começou nossa batalha
fomos todos trabaiaá,
uns foi para a horta,
outros foi pro currá,
todo o dia vinha imprensa
pra nos entrevistá

Vinha carro de polícia
Para nos amendrontá,
Um oficial de justiça
Vinha com policiá,
Trazendo alguns papéis
Para todos assiná

Não adiantou pressão
Continuamos a plantá,
Alface, couve, giló
Foi até pros hospitá,
A fatura foi também
Que começou a sobrá

Todo dia assembleia
Só para animá,
O governo demorava
A papelada assiná,
Saiu alguns companheiros
Para Brasília foi marchar

(Paulo Poeta)*

*Morador do Assentamento
Zumbi dos Palmares.





Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO DE 9 DE OUTUBRO DE 1997.

Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado "Fazendas da Usina São João", constituído pelos imóveis Santana, Penha, Jacarandá, São Gregório, Santa Maria Segunda, Guriri, Campelo e Cajueiro, situado nos Municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, Estado do Rio de Janeiro, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe conferem os arts. 84, inciso IV, e 184 da Constituição, e nos termos dos arts. 18 e 20 da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, 22 da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, e 2º da Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993.

DECRETA:

Art. 1º Fica declarado de interesse social, para fins de reforma agrária, nos termos dos arts. 18, letras "a", "b", "c" e "d", e 20, inciso VI, da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 2º, da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, o imóvel rural denominado "Fazendas da Usina São João", constituído pelos imóveis Santana, Penha, Jacarandá, São Gregório, Santa Maria Segunda, Guriri, Campelo e Cajueiro, com área de 7.574,1993 ha (sete mil, quinhentos e setenta e quatro hectares, dezenove ares e noventa e três centiares), situado nos Municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, objeto das Matrículas nºs 8.774, fls. 150, livro 2-AD; 2425, fls. 49, Livro 2-H; 2424, fls. 48, Livro 2-H; 1844, fls. 66, Livro 2-F; 2405, fls. 29, Livro 2-H e 2406, fls. 30, Livro 2-H, todas do Cartório do 5º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Campos dos Goytacazes; Matrícula nº 606, fls. 22, Livro 2-B, do Cartório do 11º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Campos dos Goytacazes e Matrícula nº 10.333, fls. 169, Livro 2-AI, do Cartório o 2º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de São João da Barra, Estado do Rio de Janeiro.

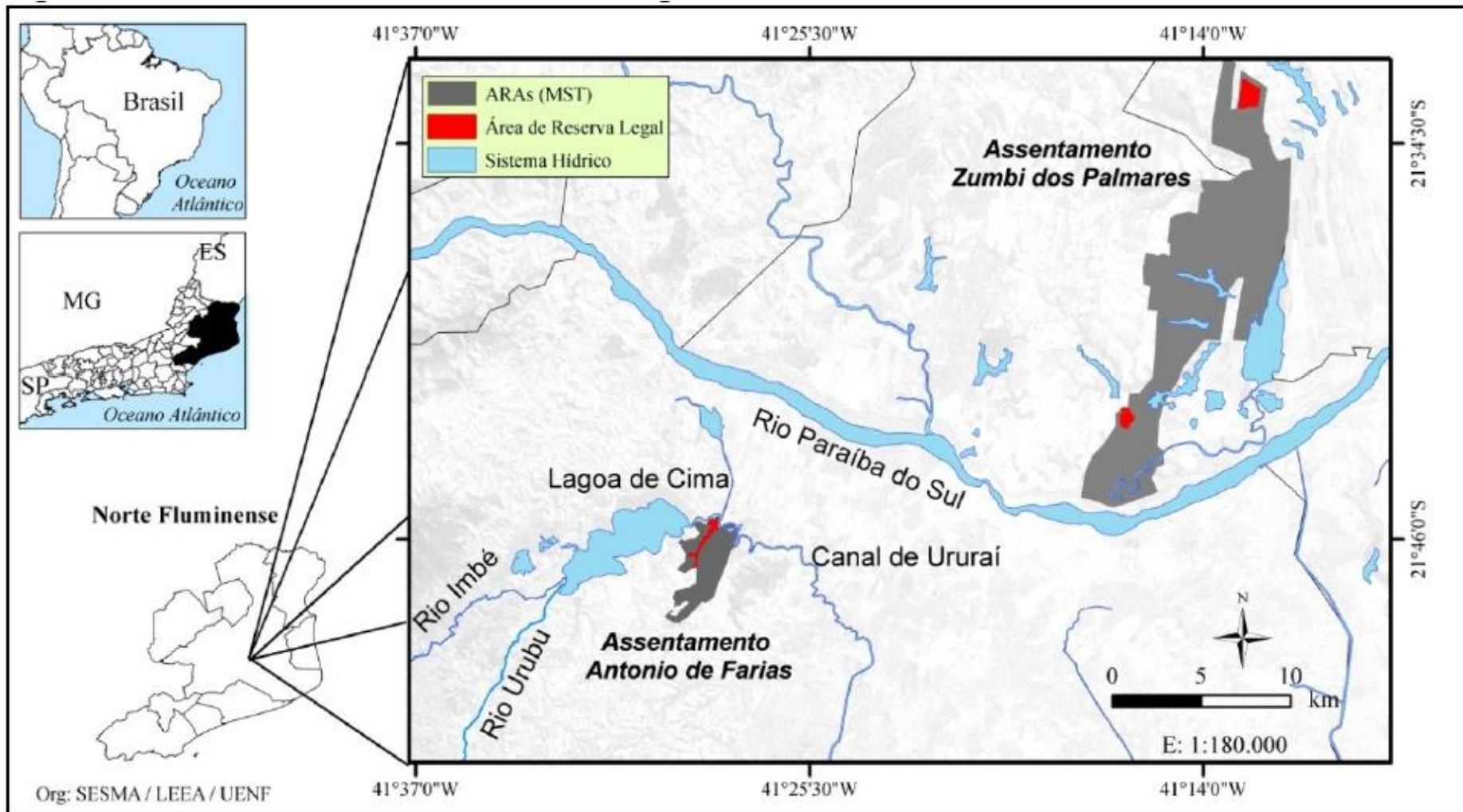
Art. 2º Excluem-se dos efeitos deste Decreto os semoventes, as máquinas e os implementos agrícolas, bem como as benfeitorias existentes no imóvel referido no artigo anterior e pertencentes aos que serão beneficiados com a sua destinação.

Art. 3º O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA fica autorizado a promover a desapropriação do imóvel rural de que trata este Decreto, na forma prevista na Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993, e a manter a área de Reserva Legal prevista na Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965, preferencialmente em gleba única, de forma a conciliar o assentamento com a preservação o meio ambiente.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

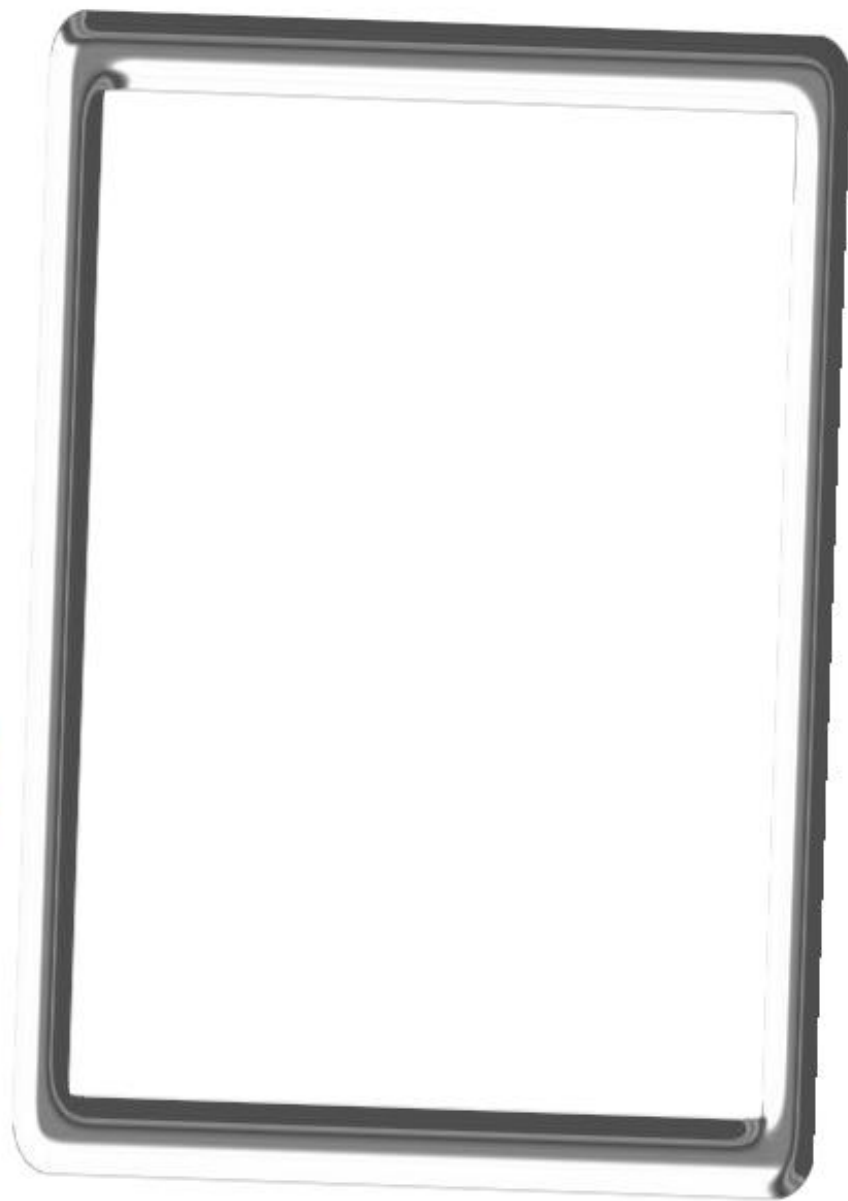
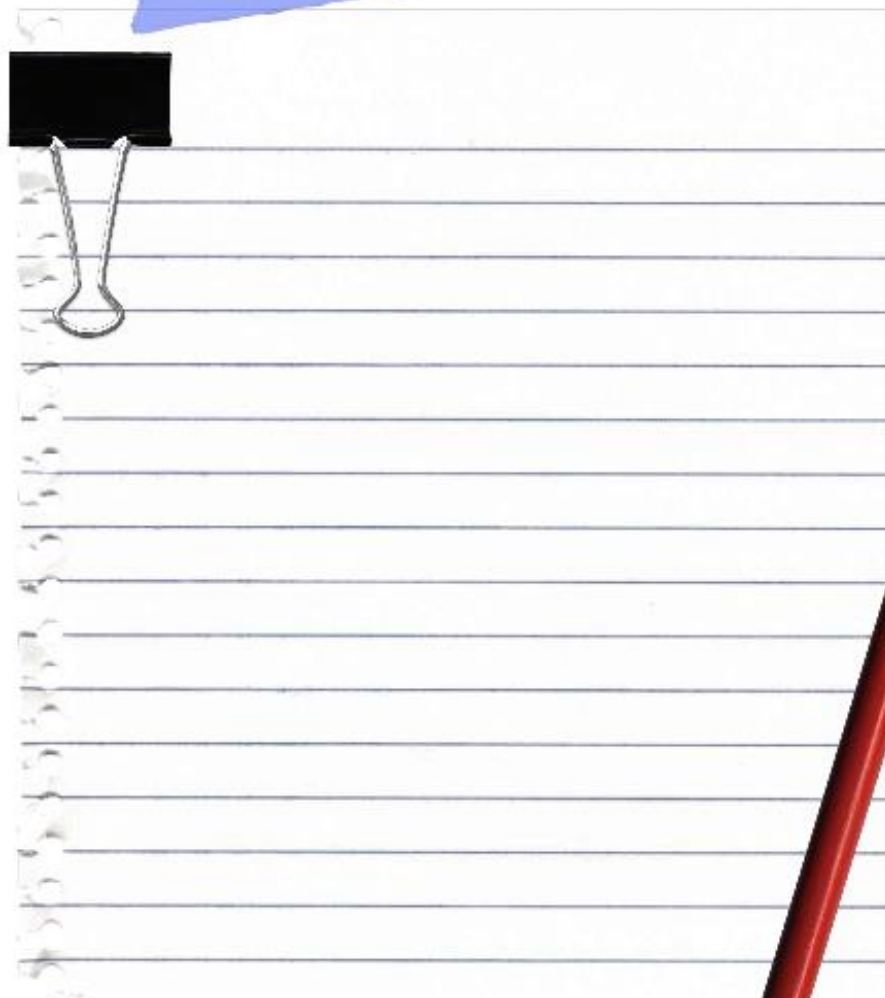
Brasília, 9 de outubro de 1997; 176º da Independência 109º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Raul Belens Jungmann Pinto



Localização geográfica do Assentamento Zumbi dos Palmares

Meus registros





Atividade Final

Nesta oficina você aprendeu um pouco sobre o trabalho do historiador. Analisamos diferentes tipos de fontes (imagens, textos, entrevistas, edificações), refletimos e registramos nossas próprias ideias e as de outras pessoas sobre a Usina São João e os trabalhadores que estiveram relacionados com ela.

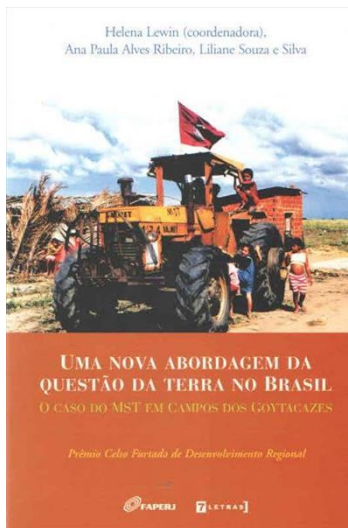
Depois de interagir com as fontes, o historiador tem a tarefa de registrar o resultado de sua pesquisa, para que outras pessoas possam ter acesso ao que ele produziu. Essas histórias estão, por exemplo, nos livros que você utiliza na escola.

Agora, é a sua vez. Imagine que você foi convidado para escrever sobre a história da região onde hoje se encontra o Assentamento Zumbi dos Palmares. Utilize o que você aprendeu e produza um texto. Tenha cuidado para escrever de forma clara e objetiva. Depois, outras pessoas poderão ler sua obra!!!

Capriche!!!

Para saber mais

Se você gostou dos assuntos discutidos nesta Oficina e quer saber um pouco mais, sugerimos algumas obras para leitura:



Uma nova abordagem da questão da terra no Brasil: o caso do MST em Campos dos Goytacazes

Helena Lewin (coordenadora)

Editora 7Letras



Desconstruindo o latifúndio: a saga da reforma agrária no Norte Fluminense

Marcos A. Pedlowski
Julio Cezar P. Oliveira
Karla Aguiar Cury

Editora Apicuri

Créditos das imagens

→ As seguintes fotos foram produzidas pelo próprio autor da Oficina, em maio de 2015, com exceção do desenho da página 23, que foi elaborado em abril de 2016.



capa



p. 1



p. 7



p. 7



p. 7



p. 7



p. 7 e contracapa



p. 7



p. 7



p. 7



p. 7



p. 7



p. 12



p. 12



p. 13



p. 13



p. 13



p. 13



p. 13



p.22



p. 22



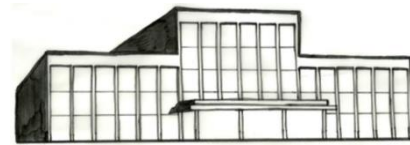
p.22



p. 22



p. 22



p. 23

→ O *layout* de abertura e encerramento de cada parte temática e do quebra-cabeça (p. 15) foi desenvolvido com elementos do programa de edição de imagens *D-Book*®.



→ Imagens produzidas ou coletadas por Gabriela Campagnol, disponíveis em : CAMPAGNOL, Gabriela. **Usinas de açúcar:** habitação e patrimônio industrial. São Carlos, USP, 2008. Tese de doutorado. (pp. 189, 195, 197, 202 e 206).



p. 8

p. 8

p.9

p. 9



p.9

p. 9

→ O quebra-cabeça da página 15 foi montado com fotografias da revista *O Cruzeiro*.



1930: *Esposa e filhos de Getúlio Vargas*
15 de novembro de 1930, p. 13
Autor desconhecido



1940: *Melvyn Douglas, ator, e sua esposa*
2 de novembro, de 1940, p. 27
Photos Columbia



1950: *Robert Mitchum, ator, com esposa e filhos*
11 de novembro de 1950, p. 96
Autor desconhecido



1960: *Propaganda de bateadeira Walita*
15 de outubro de 1960, p. 105



1970: *Jane Fonda e Roger Vadim, atriz e cineasta americanos.*
19 de maio de 1970, p. 60
Autor desconhecido



1980: *Jim Capaldi, baterista do grupo inglês Traffic, com esposa e filhos*
15 de fevereiro de 1980, p. 56
Foto de Fred Secco

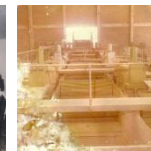
→ Imagens cedidas pelas alunos Luana e Lauana, da Escola Municipal Carlos Chagas, do acervo pessoal de seu avô. Todas as fotografias tem autor desconhecido.



p. 17



p. 17



p.23



p. 23



p. 25



p. 32



p.32



p. 32



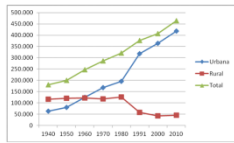
p. 32

→ Outras imagens, encontradas em estudos científicos, jornais e/ou disponibilizadas na internet.



Assentamento Zumbi dos Palmares
Autor desconhecido
(Disponível em: <<http://www.incr.gov.br/credito-habitacao-beneficia-64-familias-em-assentamento-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em julho de 2016)

p. 12



População residente por situação de domicílio em Campos dos Goytacazes, 1940-2010
(GONÇALVES, Renato Luiz. **A atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: uma análise do Assentamento Zumbi dos Palmares**. Viçosa, MG, 2012. Dissertação (Mestrado). p. 10.)

p. 13



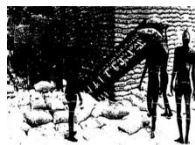
Visita à Usina São João
Autor desconhecido
(O Fluminense, 23 de julho de 1963, p. 2)

p. 17



A usina por dentro
Infográfico produzido pela empresa Weg, adaptado para esta obra
(Disponível em: <<http://www.weg.net/acucar-e-alcool/images/content/usina-por-dentro.jpg>>. Acesso em abril de 2016)

p. 21



Trabalhadores carregando saco de açúcar
Autor desconhecido
(O Globo, Matutina, Economia, 29 de outubro de 1979, p. 17)

p. 24



Laboratório interno
Acervo Pessoal de Katia Maria dos Santos Silva

p. 25



Condições de trabalho nos canaviais
Foto de Verena Glass
(Disponível em: <<http://trabalhonacana.escravonemopensar.org.br/condicoes-de-trabalho-nos-canaviais/>>. Acesso em abril de 2016)

p. 29



Brasil, 1723 – Brasil, 2010
Guga. Coletivo Miséria.
(Disponível em: <<http://miseriahq.blogspot.com.br/2010/11/escravidao.html>>. Acesso em maio 2016)

p. 31



Zumbi eterno
Trechos, editados para esta obra
(FINGER, Vinícius. **Zombi, Zombi, Zombi: narrativas sobre Palmares**. Santa Cruz do Sul, 2014. Dissertação (Mestrado). p. 113-138)

p. 36-37



Símbolo do MST
(Disponível em: <<http://www.mst.org.br/>>. Acesso em julho 2016)

p. 39

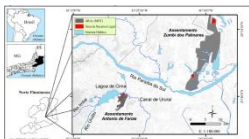


p. 39

Koizas da vida

Fabinho

(Disponível em: <<http://4.bp.blogspot.com/-VzSAfluHEBw/UsrCP728qEI/AAAAAAAAADX8/Ph4Up39t7dw/s1600/CHARGE-01-FABIANO-CARTUNISTA.jpg>>. Acesso em julho 2016)



p. 41

Localização geográfica do Assentamento Zumbi dos Palmares

(Movimiento Regional por la Tierra. **A luta pela terra/território no Norte do Estado do Rio de Janeiro: a formação dos assentamentos rurais de reforma agrária.**

p. 1. Disponível em: <<http://www.porlatierra.org/casos/ver/82/actores>>. Acesso em julho 2016)



UNIRIO
história



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA